

A PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DA SERRA DE SICÓ

por

Maria Helena Moura
e Thierry Aubry

Resumo: O vale do Poio Novo, como outros pequenos vales que lhe são paralelos, constitui um meio privilegiado de ligação entre as planícies aluviais e litoral e a Serra de Sicó. Trata-se de um vale rico em grutas. O início das escavações em duas destas cavidades permitiu a identificação de sequências estratigráficas com características sedimentológicas que variam em função da evolução das duas redes cársticas.

A Buraca Escura, exposta a norte, foi ocupada alternadamente pelo homem e por carnívoros. Fornece raros vestígios líticos, e fauna em grande abundância, tanto nos níveis do Paleolítico médio como do superior.

A Buraca Grande, situada na vertente, oferece boas condições de *habitat* e acesso e revelou diferentes níveis de ocupação ao longo do Paleolítico superior. Destes, um nível solutrense é particularmente rico em artefactos líticos e no que diz respeito ao sílex de origem local, estando presentes todas as fases da cadeia tecnológica do Solutrense inicial. Outros níveis não puderam, ainda, ser caracterizados, desconhecendo-se actualmente a proveniência estratigráfica de um fragmento de plaquinha de xisto, gravada com motivos figurativos típicos do Paleolítico, encontrada na camada superficial, remexida.

Palavras-chave: Paleolítico. Poio Novo. Redinha.

I. INTRODUÇÃO

A Serra de Sicó é um relevo calcário que dá origem à rede hidrográfica da margem Sul do Baixo Mondego (Est. I). No território assim definido os AA. desenvolvem, desde 1990, um projecto de Carta Arqueológica que visa a prospecção sistemática e as escavações de emergência que se justifiquem. Sobre os primeiros resultados de prospecções, veja-se AUBRY, T.; MOURA, M.H. 1990. Do ano seguinte data o início de escavações na gruta denominada Buraca Grande. Foi identificada nesta cavidade a sequência estratigráfica mais completa de entre as já conhecidas na margem Sul do Baixo Mondego.

II. A SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA DA BURACA GRANDE (EST. II)

II. 1. Apresentação

A Buraca Grande é uma cavidade cársica situada na vertente Norte do Vale do Poio Novo, a cerca de quatro quilómetros a SE da sede da freguesia, a aldeia da Redinha (Est. I, nº 1).

A escavação, em direcção conjunta dos AA e de João Zilhão, decorre desde 1991. Os dados actualmente disponíveis indicam a existência de três sequências estratigráficas distintas, (AUBRY, *et alii* 1992) a mais completa das quais se situa na parte mais recuada da gruta. Após a campanha de 1993, foram definidos 10 conjuntos sedimentológicos e 7 níveis arqueológicos, (AUBRY, MOURA, 1994). A campanha seguinte permitiu a diferenciação de mais níveis arqueológicos e de um outro conjunto no bloco sedimentar pleistocénico, (C7 - C10), mais espesso no fundo da cavidade (Est. II). A transição para os conjuntos sedimentares holocénicos é marcada por uma descontinuidade estratigráfica de erosão.

II. 2. Descrição estratigráfica do bloco holocénico

Conjunto remexido (CR)

Estrato cuja espessura é variável entre os 20 e os 50 centímetros. A potência máxima observa-se junto das paredes da cavidade, facto que para nós revela a existência de tocas. Constituída por blocos calcários embalados em matriz pulverulenta, de cor parda, esta camada contém importante percentagem de matéria orgânica e fornece artefactos de diversas épocas. Recolheram-se objectos atribuíveis ao campaniforme, à Idade do Ferro, à época medieval e a períodos históricos recentes. Outros objectos aqui recolhidos provêm dos conjuntos 2, 8 e 9. A presença dos materiais paleolíticos na camada superficial deve-se, em nosso entender, à topografia do conjunto 11, na zona dos quadrados, 15, 16, 17 e 18, das bandas M, N e O (AUBRY, MOURA, 1994 p. 48). Regista-se, nesta área da gruta, a existência de um depósito de blocos calcários de grande módulo, consolidados por argila plástica, que se apresenta sob a forma de um cone, de perfil assimétrico (conjunto 11). O remeximento vertical explicaria a presença de cerâmicas da Pré-história Recente, provenientes do conjunto 2, no estrato superficial. Foram exumados nesta unidade estratigráfica vestígios de dois vasos com decoração campaniforme, atribuíveis ao Grupo Inciso. (Est. III, Fig. 1). Estes artefactos ocorrem isolados de outros objectos típicos dos contextos calcolíticos recentes. Poderão corresponder a um depósito fúnebre, já que nesta camada se exumaram restos humanos.

Conjunto 1 (C 1)

Estrato constituído por matriz semelhante à que se identificou no conjunto suprajacente; os clastos são em menor proporção e verifica-se a inexistência de matéria orgânica recente.

Foram aqui recolhidos alguns carvões dispersos e fragmentos de cerâmica não torneada, maioritariamente lisa, em pequeno número, e que não permitem diagnóstico cronológico.

Na base deste conjunto foi exumado um pequeno fragmento do fundo de um copo, que viria a oferecer possibilidades de reconstituição com outros fragmentos provenientes do CR e que permitem identificar um copo canelado (Est. V, nº 1). Não foi possível reconstruir o bordo. A cerâmica é de cor castanha alaranjada na fractura, as superfícies são castanhas escuras, brunidas. A pasta é compacta, os elementos não plásticos são constituídos por mica e quartzo, granulometricamente bem classificados. O canelado é pouco profundo.

Conjunto 2 (C 2)

Conjunto sedimentar, constituído por uma sobreposição de níveis lenticulares, de tonalidades distintas, cinzentos acastanhados, cinzentos claros e laranja. Os topos de alguns destes níveis de lenticulas apresentam-se compactados, de onde inferimos que foram muito pisados. Distinguimos matéria orgânica de origem animal, cinzas e carvões, bem como nódulos de argila soltos ou agregados em plaquinhas, provenientes do cone supra mencionado.

Os artefactos aqui exumados, são abundantes, sendo o material lítico constituído por seixos brutos e afeiçoados, lascas de sílex e raras lâminas na mesma matéria, um machado polido em estado de esboço, e mós em granito e arenito. Provém deste estrato uma ponta de seta de base côncava.

A indústria em osso está representada por um exemplar de furador.

Os fragmentos de vasos são abundantes, embora não se tenha ainda obtido a reconstituição de perfis completos.

As pastas, para as quais apenas fizemos observações macroscópicas¹, são friáveis, os elementos não plásticos maioritariamente constituídos por cristais de calcite, de granulometria compreendida entre 1 e 5 mm geralmente mal classificado, excepção feita aos dois cacos decorados. Nestes, o desengordurante é de menores dimensões, e melhor classificado. Uma minoria dos fragmentos pertence a vasos cujos elementos não plásticos são constituídos por grãos de quartzo, muito rolados. Na sua maioria as superfícies das paredes exteriores dos vasos são aliadas e possuem cores negras. As paredes dos vasos têm espessuras variáveis

¹Nesta fase dos trabalhos apenas fizemos a observação macroscópica das pastas, havendo contudo intenção de dar continuidade a estudos de natureza petrológica das cerâmicas.

entre 6 e 13 mm; a média ronda os 10 mm. De entre os cacos exumados contamos 8 tipos de bordos (Est. IV, C2). Um dos vasos é carenado e apresenta a carena 15 mm abaixo do bordo. Um outro possui uma carena incipiente.

Dois fragmentos com decoração penteada em ziguezague pertencem ao mesmo vaso cujo bordo é aplanado (Est. V, nº 2). A pasta é mais compacta e apresenta cor negra. O outro vaso decorado (Est. V, nº 3) encontra-se representado por cinco fragmentos, dos quais dois não colam, e que apresentam cores diferentes: negra, castanha clara e cinzenta. A constituição da pasta, porosa, indica que se trata de uma só peça, cujo perfil não é possível definir. Parece tratar-se de um grande vaso de paredes direitas. A decoração, feita por intermédio de um sulco pouco profundo, desenha serpentiformes no sentido vertical. Um sulco, menos nítido do que os que descrevem os serpentiformes, corre paralelamente ao bordo. Um único fragmento foi recolhido no topo deste conjunto sedimentar, para o qual ainda não possuímos datação absoluta; os outros na camada remexida.

Foram exumados neste estrato vários exemplares de conchas marinhas. Não apresentam traços de utilização nem de transformação em objectos de carácter utilitário ou de adorno.

Foram encontrados ossos humanos, para os quais não se verifica existência de conexões anatómicas. Os vestígios estão fracturados, o número de indivíduos representados é, no mínimo, de quatro.

A fauna, cujos ossos estão muito fragmentados, é constituída por restos de ovicaprídeos, bovídeos, suídeos, veado e equídeos.

Conjunto 3 (C 3)

Este conjunto, cuja espessura varia entre trinta e quarenta centímetros, caracteriza-se por conter clastos de arestas rombas, de pequeno módulo, e em percentagem reduzida. A matriz é pulverulenta e de cor castanha-amarelada. Foram aqui exumados carvões que se encontravam dispersos.

Os vestígios arqueológicos são pouco abundantes. A maior concentração encontrou-se associada ao leito de clastos que ocorre a 5 centímetros da base do conjunto. Os vestígios líticos são constituídos por lascas de sílex e de quartzo, e não se regista a ocorrência de objectos que permitam diagnóstico cultural preciso. Os fragmentos de cerâmica representam vasos lisos; em nenhum caso é possível reconstituir integralmente o perfil (Est. IV, C3). As pastas são friáveis, os elementos não plásticos são constituídos maioritariamente por calcite e minoritariamente por grãos de quartzo rolados, coexistindo na mesma massa. Estes desengordurantes, granulometricamente bem classificados, são de dimensões compreendidas entre 2 e 4 mm. Enquanto que as paredes exteriores dos vasos apresentam alisamento, as internas evidenciam um aspecto que lembra a cortiça. As cores variam entre a negra, a castanha clara e a alaranjada.

Verificamos a existência de 3 tipos de bordos, arredondados simples. Um dos cacos ostenta uma carena incipiente.

A fauna exumada nesta camada é sobretudo constituída por restos de carnívoros e por microfauna. Regista-se também a ocorrência de coprólitos. Parece-nos lícito duvidar do carácter antrópico destes vestígios osteológicos.

Conjunto 4 (C 4)

Este conjunto é caracterizado pela existência de blocos de calcário embaldados em matriz cinzenta, muito compacta, onde se regista importante quantidade de cinza e carvões. A espessura deste estrato ronda os 5 centímetros.

O material lítico caracteriza-se pela ocorrência de lamelas em sílex, com perfil curvilíneo, pouco ou não retocadas (Est. III, Fig. 2). A técnica de debitage destes artefactos parece ser a da percussão indirecta.

As cerâmicas são constituídas por vasos de formas globulares, (Est. IV, C4) sub-esféricas, não se tendo exumado nenhuma peça com a totalidade do perfil. Em alguns dos recipientes, os que apresentam as paredes mais finas e melhor confecção, as pastas são compactas e incluem como desengordurantes, micas de granulometria bem classificada. Nestes, aparece um engobe de cor vermelha viva. Noutros vasos, mais grosseiros, os elementos não plásticos são semelhantes aos já descritos para as cerâmicas do conjunto 3. Nestes recipientes verifica-se alisamento das paredes. As cores variam entre a castanha clara, a escura e a cinzenta. Os bordos são planos nos vasos de confecção mais grosseira, e arredondados nos mais finos.

Foram aqui exumados alguns vestígios osteológicos humanos, muito fragmentados, sem preservação das conexões anatómicas, e que podem representar um único indivíduo, adulto.

Este nível foi datado pelo método do ^{14}C de 5670 ± 70 BP (Gif-9497) calibrada a 2 sigma 4358- 4630 BC. A amostra de carvões foi recolhida no quadrado L19, quadrantes NE-NW.

Conjunto 5 (C5)

Caracteriza-se por uma sucessão de níveis de cinzas, que formam uma camada de 5 centímetros de espessura.

Os materiais aqui exumados são provenientes em exclusividade de dois quadrantes do quadrado K20, situados junto à parede W. da cavidade. São eles constituídos por cerâmicas e restos de fauna. Estes vestígios podem encontrar-se aqui em posição secundária, dedução que fazemos na sequência da escavação de uma toca, nas camadas superiores deste sector da gruta.

Conjunto 6 (C6)

O conjunto 6 é caracterizado pela existência de blocos de módulo superior aos do C4, embalados em matriz pulverulenta de cor cinzenta clara e por ocorrerem nódulos de argila. A sua espessura ronda os 10 centímetros. Regista-se abundância de carvões e fragmentos de madeira parcialmente carbonizada. Os restos antracológicos têm módulos que podem atingir os 5 centímetros.

A indústria lítica está representada por artefactos em quartzo, pequenas esquirolas em sílex, bem como por uma lamela com retoque abrupto, também nesta matéria.

As cerâmicas deste conjunto são constituídas por vasos de paredes muito finas e cor negra, não tendo sido possível reconstruir nenhum perfil, integralmente (Est. IV, C6). A pasta inclui, como desengordurante, mica. As paredes dos recipientes foram alisadas, não apresentam decoração, os bordos são simples, convexos ou planos.

A fauna é constituída por restos de coelho, veado, grandes mamíferos ainda indeterminados, bem como por conchas marinhas, estas muito numerosas.

Conjunto 7 (C7)

Entre o topo deste conjunto e a base do que lhe sobrejaz, regista-se uma descontinuidade que se deve a um episódio erosivo. Este fenómeno materializa-se pela existência, por um lado, de uma acumulação de sedimento brechificado contra a parede, (C7a e C7b) e por outro lado, por um limite nítido entre as colorações dos dois conjuntos, sublinhado pela presença de pequenos fragmentos (cujos módulos são da ordem de alguns milímetros cúbicos) calcários, alterados no topo de C7c.

Nos primeiros centímetros deste conjunto, exumaram-se os fragmentos de cerâmicas que passamos a descrever. O vaso representado na Est. VI, nº 3, de que possuímos mais quatro fragmentos com os quais se não podem fazer colagens, é também decorado. A pasta é friável, os elementos não plásticos são constituídos por grãos de quartzo, e por pequenos fragmentos de cerâmica (?). As superfícies interior e exterior são alisadas, e apresentam cor castanha escura, e fractura negra. A decoração é constituída por um ligeiro cordão plástico, que se encontra a 15 mm do bordo ladeado por duas linhas, paralelas, de impressões circulares. O interior destes círculos, cujos diâmetros são de 4 mm, apresentam-se em relevo. Junto do bordo existia um elemento de prensão, talvez de tipo mamilo, mas encontra-se fracturado.

O recipiente nº 5 da mesma figura está representado por um fragmento que denuncia um grande vaso. A pasta é compacta, os desengordurantes são constituídos por elementos de calcário e hematite. As cores das paredes são a vermelha viva e a castanha, a fractura é vermelha. As superfícies interna e externa foram

alisadas. A decoração combina impressões e elementos plásticos. Os mamilos, em linha vertical, vêm até ao bordo, que é arredondado, convexo. Entre os dois mamilos dispõe-se um cordão plástico, que não recebeu decoração, mas que é ladeado de duas bandas paralelas de incisões em forma de cunha. Três outras bandas, idênticas a estas, seguem paralelas entre si, e situam-se entre o cordão e uma outra impressão que corre ao longo e logo abaixo do bordo. Esta faixa parece ter sido executada por intermédio de *cardium*. Verifica-se ainda decoração, junto do mamilo inferior, onde se distingue uma linha vertical de impressões similares às que ocorrem junto ao bordo.

No CR, foram exumados dois fragmentos de cerâmica cuja pasta é constituída pelos mesmos elementos descritos para o vaso anterior. A decoração faz-se por intermédio de impressões de secção triangular, agrupadas em faixas de quatro linhas. Um outro motivo é realizado por intermédio de uma linha impressa (Est. VI, nº 6). Uma perfuração para suspensão surge sobre as faixas. A forte espessura das paredes deixa supor que se trata de um grande vaso “de provisões”.

O recipiente representado pelo fragmento desenhado na Est. VI nº 2 caracteriza-se por apresentar pasta friável, em que os elementos não plásticos são constituídos por quartzo e fragmentos de calcário, mal classificados granulometricamente. As superfícies são alisadas, apresentam cor castanha, e fractura castanha avermelhada. O fragmento representa um vaso com paredes direitas e bordo arredondado convexo. A decoração impressa é constituída por três faixas (uma, duas e no mínimo quatro linhas) de impressões executadas por intermédio de *cardium*.

O recipiente representado pelo fragmento desenhado na Est. VI nº 1 foi exumado numa toca, junto da parede W da gruta, no quadrado K20. Pelas suas características ele pode considerar-se como contemporâneo dos que vimos descrevendo. A pasta é compacta e os elementos desengordurantes são granulometricamente mal classificados e constituídos por grãos de quartzo e fragmentos de calcário. As cores são a laranja-acastanhada, para as superfícies interna e externa, a cinzenta muito escura, para a fractura. As superfícies denotam alisamento. A decoração é constituída por seis linhas de impressões, paralelas entre si e ao bordo, executadas por intermédio de *cardium* (?). O bordo é convexo e arredondado.

Proveniente do mesmo contexto, é um outro fragmento de cerâmica, cuja pasta é compacta e contém fragmentos de calcário, carvões, fragmentos de cerâmica moída (?). A superfície foi alisada e apresenta cor castanha avermelhada. A decoração faz-se por intermédio de uma linha de unhas, que corre sob um elemento de prensão, em forma de mamilo alongado, que surge apenas ao bordo (Est. VI nº 4).

Neste conjunto foram também exumados restos de fauna, e artefactos líticos. Estes são característicos das indústrias epipaleolíticas, aqueles constituídos por

espécies selvagens (cabra, veado, javali) que tanto podem ocorrer em contextos do Neolítico antigo como do Epipaleolítico.

III. OS DADOS ACTUAIS DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DA ÁREA DE SICÓ

Os resultados, ainda parciais, obtidos na Buraca Grande, podem relacionar-se com os dados conhecidos da Pré-História Recente do Baixo Mondego, nomeadamente com os que ocorrem na sua margem Sul, território onde se fazem escavações há cerca de um século.

No conjunto arqueológico remexido desta gruta, cuja acumulação de materiais decorre, em nosso entender, desde a transição Calcolítico/Bronze, até ao presente século, ou até fins do passado, é possível isolar artefactos característicos de diversas épocas, mas não é possível saber a que tipo de utilização da cavidade correspondem.

No conjunto 1, exumaram-se poucos vestígios da Pré-História Recente. São na sua maioria constituídos por fragmentos de cerâmica atípica. No entanto, o fragmento de copo canelado proveniente da base deste conjunto é um indicador cronológico de uma ocupação do Calcolítico inicial estremenho (GONÇALVES, J.L.M. 1991; CARDOSO, J.L. 1995).

No conjunto 2 ocorrem abundantes vestígios arqueológicos e parece possível identificar diversas modalidades de ocupação da cavidade. Vários leitos de matéria orgânica e de sedimento muito pisado podem interpretar-se como resultando de uma ocupação desta área da cavidade pelo gado. A zona recuada é fácil de fechar, o que sugere a sua utilização como estábulo. Este facto não impede que nas zonas central e entrada se não tenham verificado outros tipos de ocupação.

O achado de restos humanos, atribuíveis a pelo menos quatro indivíduos (um bebé, um jovem falecido em idade inferior a quinze anos, dois adultos) torna evidente que também há um carácter funerário neste conjunto. O estado dos restos osteológicos, sem qualquer preservação de conexões anatómicas e fragmentados, torna impossível caracterizar os rituais fúnebres. Estes podem corresponder a manifestações muito diversas, à semelhança do que acontece por exemplo na Gruta dos Alqueves (Est. I, nº 2, VILAÇA, R.; RIBEIRO, J.P.C. 1987), cuja cerâmica nos parece idêntica à deste nível. Tão pouco temos dados que nos informem sobre o período de tempo que corresponde às tumulações, que podem, de facto, ter ocorrido de forma intermitente. Outro problema é o de não podermos, de entre a totalidade dos vestígios aqui exumados, tentar atribuir a parte deles a função de oferendas. Mesmo ao nível dos adornos nada sabemos da correcta proveniência estratigráfica de algumas contas de colar em calcário e uma tubular

em osso, que na campanha de 1993 se exumaram em contexto de toca, no quadrado L19, quadrante NW.

As cerâmicas do Dólmen do Alto da Feteira (Est. I, nº 3, CASTRO, L.A.; FERREIRA, O.V. 1969-1970) são comparáveis às da Buraca Grande; porém, falta-nos todo o cortejo habitual dos objectos de carácter ritual.

Da quantidade de artefactos, relativamente ao número de indivíduos, e da sua tipologia se infere que além de ocupações fúnebres, também a gruta tenha sido ocupada como habitat. Achados líticos, como fragmentos de mós e sobretudo esboços de machados polidos, devem relacionar-se mais com actividades quotidianas da comunidade, do que com oferendas mortuárias.

Outro dado que nos parece corroborar esta afirmação é a relativa abundância de restos de fauna, doméstica e caçada, que se encontravam nesta unidade estratigráfica. Na sua maioria trata-se de animais muito jovens, o que talvez venha a permitir estudos de sazonalidade que melhor nos esclareçam sobre as ocupações da cavidade durante o período que corresponde ao Neolítico Final.

O conjunto 4, estratigraficamente bem definido, forneceu uma datação radiométrica que nos parece coerente com o material encontrado. Actualmente não se dispõe de dados de comparação na região do Baixo Mondego. De facto, a nenhum outro nível foi atribuída uma cronologia comparável a esta, que se situa entre o Neolítico Antigo e o Neolítico Pleno clássico.

A ocupação identificada, reconhecida numa área pequena da cavidade, é ainda difícil de caracterizar, já que ela tem um carácter fúnebre que talvez não seja exclusivo. Os restos humanos identificados, em número diminuto, provavelmente não correspondem a enterramentos, o que explicaria o estado de conservação em que se encontram. Até à data todos os restos exumados neste contexto podem-se atribuir a um adulto. Os artefactos são constituídos por rara indústria lítica com uma componente de lâminas em sílex, brutas ou muito pouco retocadas, obtidas por percussão indirecta, provavelmente não confeccionadas na gruta. Uma lamela revela tratamento térmico do núcleo de sílex (Fig. 6, nº 5).

As cerâmicas vermelhas, que apresentam engobe e cuja pasta contém elementos micáceos, surgem no mesmo contexto de cacos cujas pastas incluem, como desengordurantes, elementos de calcite e quartzo.

A abundância de carvões e de cinzas, sem que se tenha podido evidenciar qualquer tipo de estrutura de combustão, é um facto que não podemos explicar, actualmente.

O conjunto 5 fornece dados interessantes para a compreensão dos fenómenos de constituição dos estratos. A fauna está representada exclusivamente por micro-fauna. Os fragmentos de cerâmica recolhidos encontravam-se acantonados numa superfície de 0,5 metros quadrados, junto da parede W da gruta. Aguardamos um estudo antracológico que nos esclareça sobre o tipo de fogo a que pode correspon-

der a acumulação de cinzas, sendo certo que as comunidades neolíticas praticavam desflorestação por intermédio de queimadas.

O conjunto 6 forneceu cerâmicas negras, muito finas, que parecem representar recipientes de forma globular. Não encontramos referências a cerâmicas parecidas com estas, nos trabalhos mais recentemente realizados sobre o Baixo Mondego. O paralelo mais próximo, ainda que não idêntico, encontra-se nas cerâmicas exumadas na camada NA 1 da Gruta do Caldeirão, em Tomar (ZILHÃO, J. 1992, pp. 90).

Os restos malacológicos abundantes são um dado que encontra similitudes nas ocupações atribuídas ao Neolítico Antigo do Forno da Cal, em Soure, (Est. I, nº 4, ROCHA, A. 1975, pp. 83). Esta jazida situa-se, no entanto, a maior proximidade do mar do que a Buraca Grande. Os restos alimentares são ainda constituídos por ossos de vários mamíferos, que falta determinar, e por vestígios de lagomorfos.

O conjunto 7 forneceu materiais atribuíveis ao Neolítico Antigo, período, relativamente bem representado na área do Baixo Mondego, pelo menos em termos quantitativos, e onde se supõe que se teria centrado um polo importante do processo de neolitização da região centro de Portugal (JORGE, S., 1979 e ZILHÃO, J. 1990). São conhecidos os achados do Forno da Cal e Eira Pedrinha, (Est. I, nº 5, VILAÇA, R. 1990) a Sul do Mondego e a Norte deste rio, os da Várzea do Lírio, Pinhal do Reverendo Margato, Junqueira e Praso (VILAÇA, R. 1988). Eles correspondem a sítios de ar livre ou a ocupações de abrigos ou gruta. Não se encontraram materiais em contextos estratigráficos depois dos trabalhos de Santos Rocha, apesar das recentes pesquisas de Raquel Vilaça.

O fragmento apresentado na Est. VI, nº 3, é comparável a peças provenientes da Junqueira e Eira Pedrinha.

No caso da Buraca Grande, os vestígios arqueológicos foram exumados em contexto estratigráfico definido, embora tenha havido um hiato sedimentar entre os horizontes do nível atribuído ao Paleolítico superior final, e a deposição dos artefactos do horizonte cardial. Fenómeno que se regista também na Gruta do Caldeirão (POVOAS *et alii*, 1992), sincronicamente, e que pode traduzir uma mudança climática nomeadamente um episódio climático húmido, (ZILHÃO, 1992, op. cit. pp. 35-39).

Não temos dados que nos permitam interpretar, com exactidão, o tipo de ocupação que se verificou no início do Neolítico.

IV. PERSPECTIVAS

No estado actual do estudo dos materiais ainda não se procedeu à análise tafonómica, cujos resultados são importantes para a melhor compreensão das di-

versas modalidades de ocupação, eventualmente ocorridas durante a formação das diversas unidades estratigráficas. Dar-nos-á também argumentos para explicar os movimentos e as deslocações de parte dos vestígios. Uma discussão sobre estes aspectos só será possível após estudo pluridisciplinar.

A continuação da escavação poderá também trazer à luz novos elementos de interpretação, sendo isto tanto mais provável quanto se tem observado que os estratos são mais espessos à medida que nos aproximamos da parte mais recuada da cavidade.

Uma outra vertente da investigação é a que permita o reestudo de materiais exumados noutras jazidas arqueológicas da região. Em alguns dos casos trata-se de escavações clandestinas que foram realizadas em sepulturas colectivas, como sejam o Dólmen do Alto da Carrasqueira (Est. I, nº 6) e o abrigo do Souto de Vila Cã (Est. I, nº 7) e que não forneceram qualquer registo estratigráfico. Outra jazida, que tem vindo a ser pilhada, é a Gruta II do Ourão (Est. I, nº 8), onde nos anos oitenta se começaram escavações que não foram levadas a cabo. O salvamento do que resta destas jazidas parece-nos ser a única via para se recuperar o mínimo de informações que permitam a sua integração nos trabalhos que vimos a desenvolver.

Uma visão mais abrangente passa também pela escavação de sítios de ar livre, que possam corresponder a povoados. Foi nesta perspectiva que se realizaram sondagens arqueológicas numa das áreas do Outeiro de Já Vou (Est. I, nº 11, a menos de meia hora de marcha da Buraca Grande), que tinha fornecido grande quantidade de cacos e de quartzitos talhados, à superfície, após surribas destinadas ao plantio de pinhal. A potência estratigráfica da jazida era muito fraca (variava entre os 10 e os 30 centímetros), e não correspondia sequer ao nível geológico coevo da ocupação pré-histórica. Todos os artefactos que se conservaram ficaram retidos no lapiás em que assenta a argila e não se preservou qualquer estrutura. Ainda assim temos vestígios de barro cozido, com os negativos dos elementos vegetais que revestiam, o que significa que, apesar da abundância de pedras disponíveis no local, as cabanas eram construídas com ramos e argila. Outro dado interessante diz respeito às cerâmicas e ao facto de termos observado que os desengordurantes das pastas são materiais que abundam no sítio: grãos de quartzo e nódulos de hematite. Alguns dos fragmentos permitem a reconstituição parcial de perfis. Possuímos igualmente fragmentos de bordos: extrovertidos, planos. Pelas características observadas nas cerâmicas parece-nos poder atribuir-se a este *habitat* uma cronologia do Calcolítico que se estenderá até à Idade do Bronze. No mesmo Outeiro as surribas evidenciaram vários outros sítios com vestígios atribuíveis à fase recente da Pré-História e sofreram fenómenos de erosão provavelmente similares ao do local sondado.

Na Serra de Sicó, foram identificados dois locais com arte atribuíveis à Pré-história Recente. Sobre o Abrigo gravado do Vale do Poio, (Est. I, nº 9)

apresentámos uma descrição preliminar em AUBRY, T.; MOURA, M.H. (1990 *op. cit.*). No outro caso, situado na Guístola (Est. I, nº 10), ainda não é possível publicar desenhos, pois não se fez qualquer tipo de intervenção. Trata-se de um bloco de grês, com gravuras em dois estádios diferentes de conservação. Encontra-se partido e integrado num muro de sustentação de terras. Torna-se difícil qualquer interpretação deste monólito.

Os achados da Pré-história Recente da Margem Sul do Baixo Mondego, parecem filiar-se nos da Estremadura, território de excepcional riqueza em vestígios desta época. Supomos, por isso que, dentro da área que constitui o nosso campo de trabalho, muito está ainda por fazer. Um estudo globalizante obriga a que se escavem jazidas arqueológicas de diversas índoles. Nesta óptica, prevenimos, paralelamente ao estudo pluridisciplinar da sequência da Buraca Grande, a escavação de outros tipos de sítios.

AGRADECIMENTOS

A campanha de escavação de 1994 da Buraca Grande foi subsidiada pelo IPPAR.

Expressamos a nossa gratidão à Associação de Defesa do Património Cultural de Pombal, que pelo seu apoio, desde 1991, tornou possível este trabalho.

M. Fontugne, do Laboratório de Gif-sur-Yvette, realizou as datações da sequência da Buraca Grande.

O nosso agradecimento vai também para os nossos colaboradores durante as escavações.

BIBLIOGRAFIA

- AUBRY, T.; MOURA, M.H. - 1990 - Redinha. (Pombal). Subsídios para a carta arqueológica da freguesia. *Conimbriga*, nº 29, pp. 5-37.
- AUBRY, T.; MOURA, M. H.; ZILHÃO, J. - 1992 - Dados preliminares sobre a organização estratigráfica da Buraca Grande do Vale do Poio Novo (Redinha). *Memórias e Notícias*. Pub. do Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra, nº 114, pp. 119-132.
- AUBRY, T.; MOURA, M.H. - 1994 - Paleolítico da Serra de Sicó. Iº Congresso de Arqueologia Peninsular, (Porto, Out. 1993), In: *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. 34, (fasc. 3-4), pp. 43-60.
- CARDOSO, J.L. - 1995 - O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Resultados das escavações efectuadas (1983-1993). Iº Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, Out. 1993) In: *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. 35, (fasc. 1), pp. 115-129.
- CASTRO, L.A.; FERREIRA, O.V. - 1969-1970 - O monumento megalítico do Alto da Feteira, Pombal. *Caesaraugusta*, nº 33-34, pp. 41-56.
- GONÇALVES, J.L.M. - Cerâmica calcolítica da Estremadura. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas* (Lisboa 1990), A. A. P. pp. 215-226.
- JORGE, S.O. - 1979 - Contributo para o estudo de materiais provenientes de estações

- neolíticas dos arredores da Figueira da Foz. *Actas da Primeira Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*. (Porto, Abril de 1978), GEAP, pp. 53-82.
- JORGE, S. O. -1990 - A consolidação do sistema agro-pastoril. In: *Nova História de Portugal*, vol. I. Coord. de J. de Alarcão, pp. 102-144.
- POVOAS, L.; ZILHÃO, J.; CHALINE, J.; BRUNET-LECOMTE, P. - 1992 - La faune de rongeurs du pleistocène supérieur de la Grotte de Caldeirão (Tomar, Portugal). *Quaternaire*, nº 3 (1), pp. 40-47.
- ROCHA, A.S. - 1975 - *Memórias e Explorações Arqueológicas*, III, Acta Univ. Con. Coimbra.
- VILAÇA, R.; RIBEIRO, J.P.C. - 1987 - Escavações Arqueológicas na Gruta dos Alqueves. (S. Martinho do Bispo, Coimbra). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Vol. 27, (fasc. 1-4, pp. 27- 65).
- VILAÇA, R. - 1988 - *Subsídios para o estudo da Pré-história Recente do Baixo Mondego*. "Trabalhos de Arqueologia", nº 5, IPPC.
- VILAÇA, R. - 1990 - Sondagem Arqueológica no Covão de Almeida. *Antropologia Portuguesa*. Vol. 8, pp. 101-133.
- ZILHÃO, J. -1990 - Le processus de Néolithisation dans le Centre du Portugal. In: M. Otte, D. Cahen. *Rubané et Cardial*. Liège, E.R.A.U.L.
- ZILHÃO, J. - 1992 - *Gruta do Caldeirão. O Neolítico Antigo*. "Trabalhos de Arqueologia", nº 6 (IPPAR).

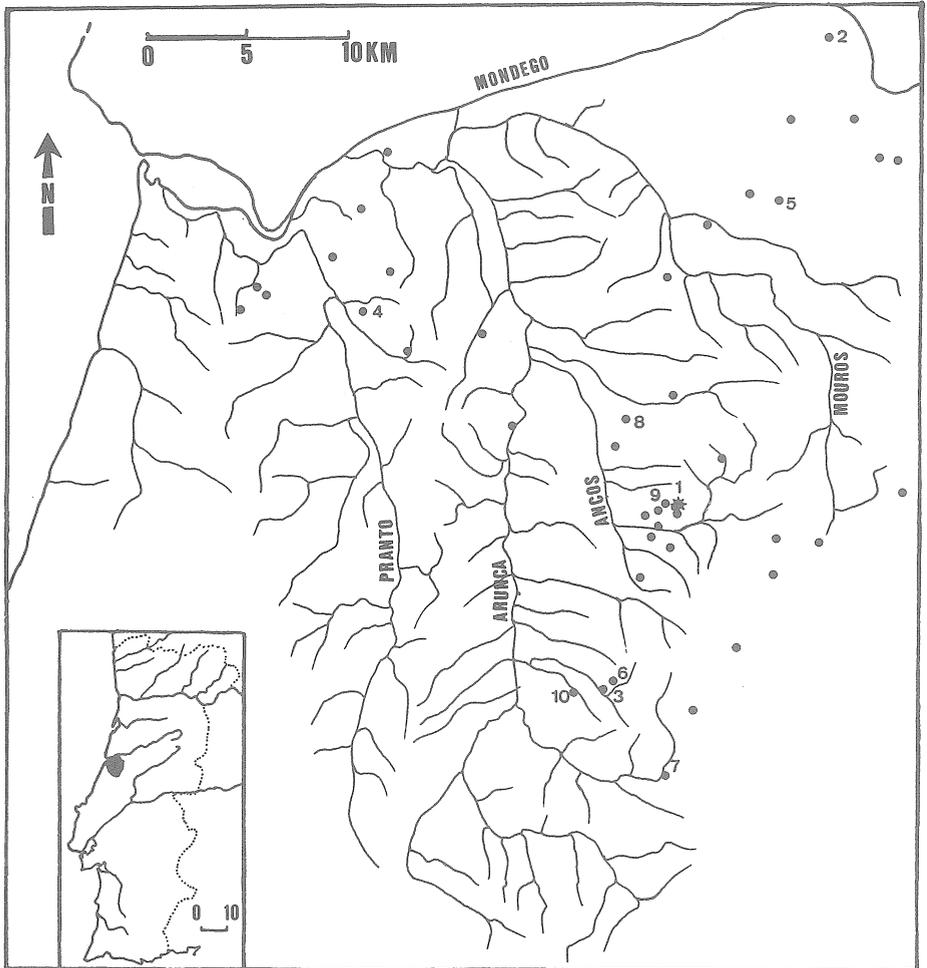


Fig. 1 — Rede hidrográfica da margem Sul do Baixo Mondego. Sítios citados no texto: 1 - Buraca Grande. 2 - Gruta dos Alqueves. 3 - Dólmen do Alto da Feteira. 4 - Forno da Cal. 5 - Eira Pedrinha e Covão d'Almeida. 6 - Dólmen do Alto da Carrasqueira. 7 - Abrigo do Souto de Vila Cã. 8 - Gruta II do Ourão. 9 - Abrigo do Poio. 10 - Guístola. 11 - Outeiro de Já Vou. Todos os outros pontos marcam jazidas arqueológicas com vestígios datáveis da Pré-História Recente. Em (VILAÇA, R. 1988) encontram-se as referências à maioria destes sítios; os restantes são resultantes das prospeccões dos AA e, em parte, encontram-se publicados em (AUBRY, T.; MOURA, M. H. 1990).

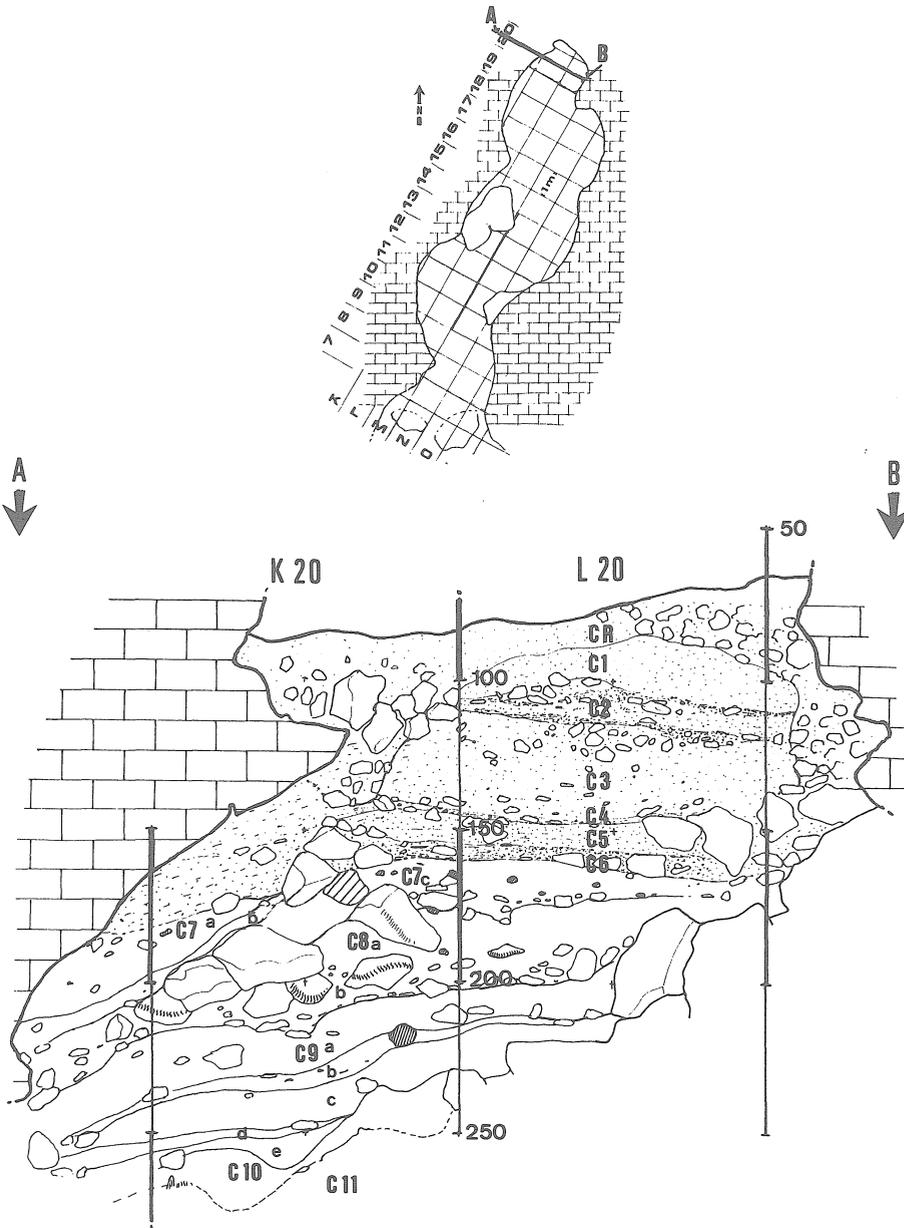


Fig. 1 — Buraca Grande. Corte sagital J20 - M20. Localização na planta da gruta à superfície do enchimento.

Est. III

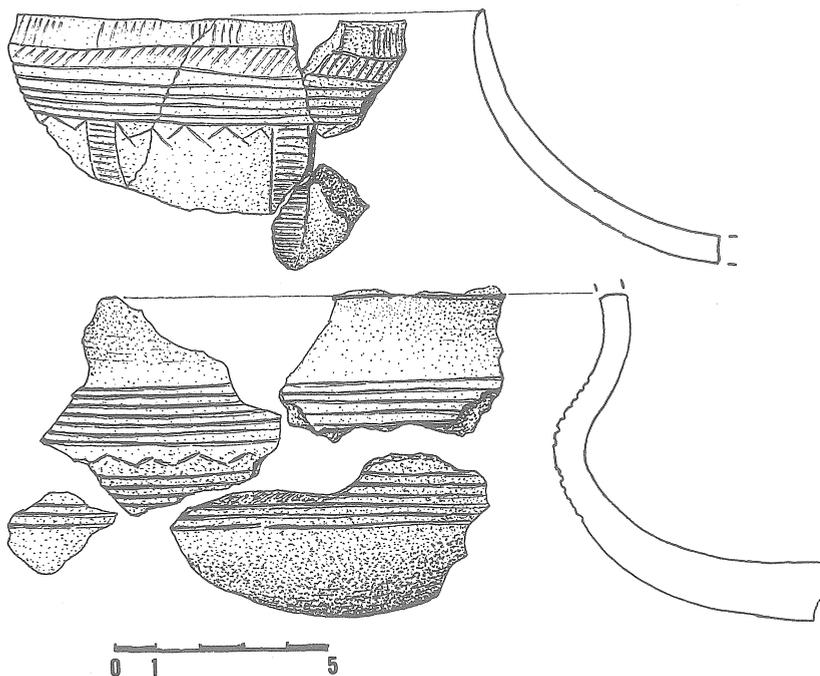


Fig. 1 — Buraca Grande, CR. Recipientes do Campaniforme.

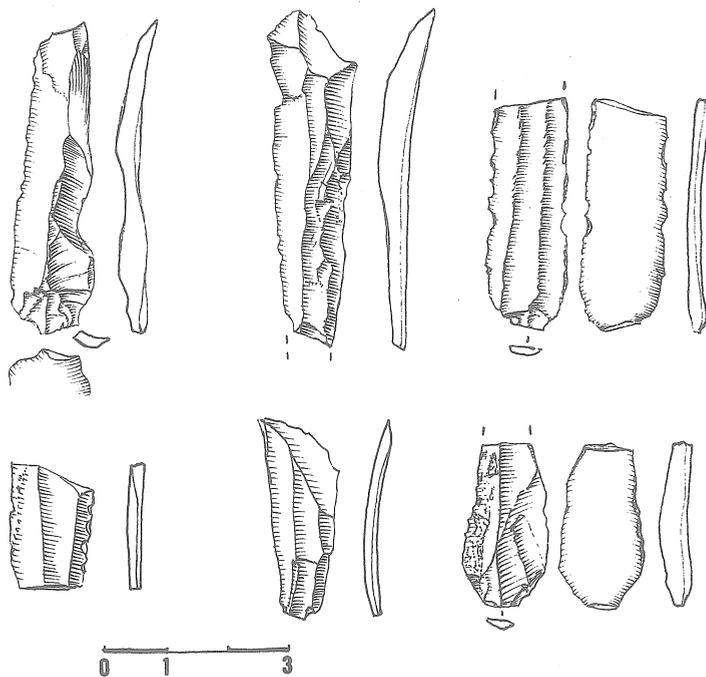


Fig. 2 — Buraca Grande, indústria lítica do conjunto 4.

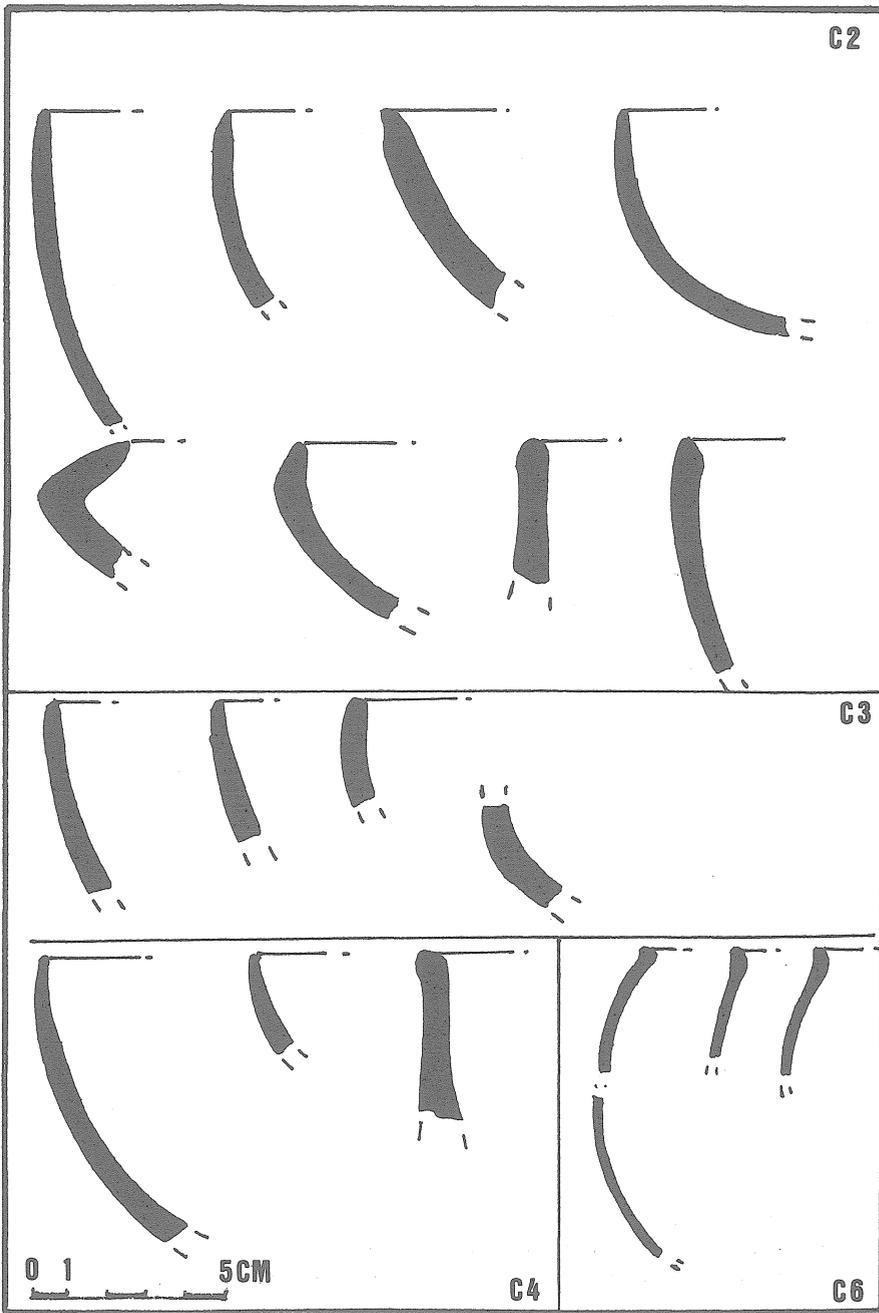


Fig. 1 — Buraca Grande. Morfologia dos recipientes dos C2, C3, C4, C6.

Est. V

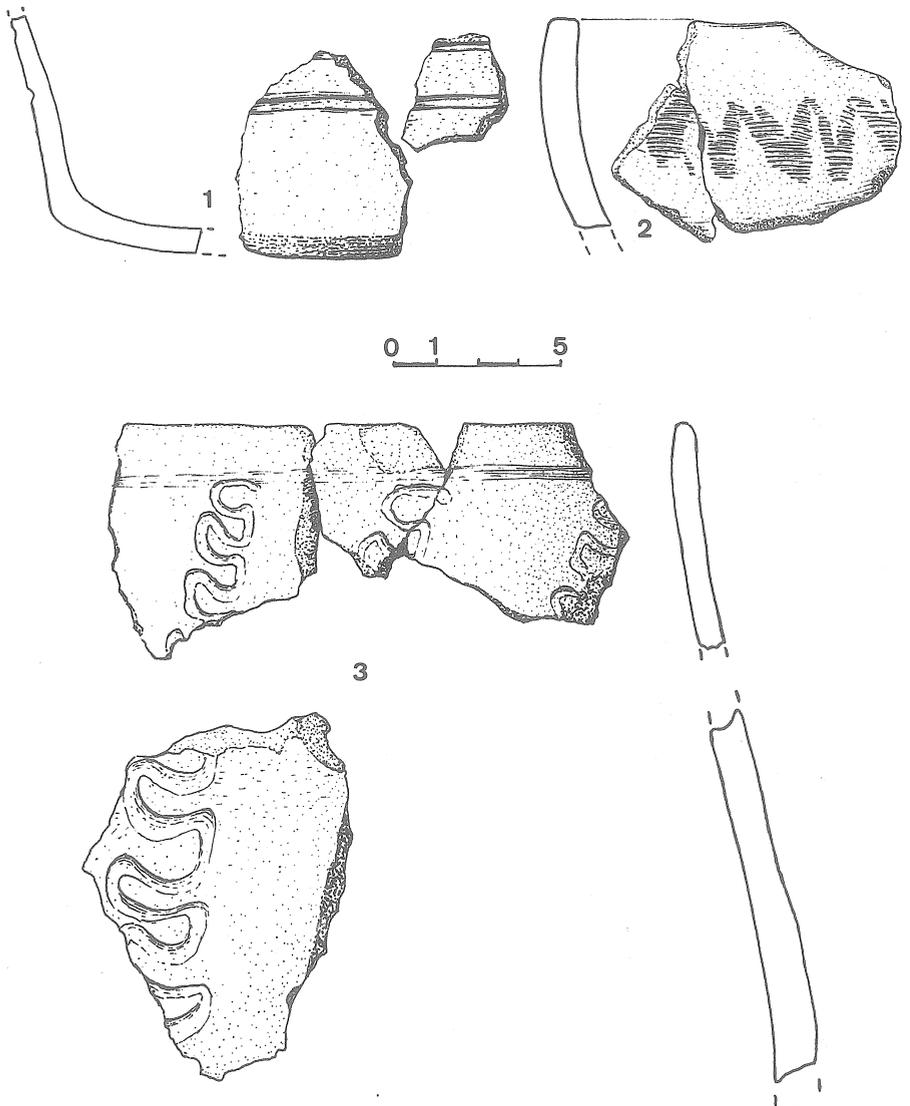


Fig. 1 — Buraca Grande. 1 — Copo canelado; reconstituição, a partir de fragmentos encontrados tanto no CR como na base do C1.2 — Recipiente com colagem de fragmentos provenientes do C2.3 — Recipiente com colagens de fragmentos provenientes do CR e do topo do C2.

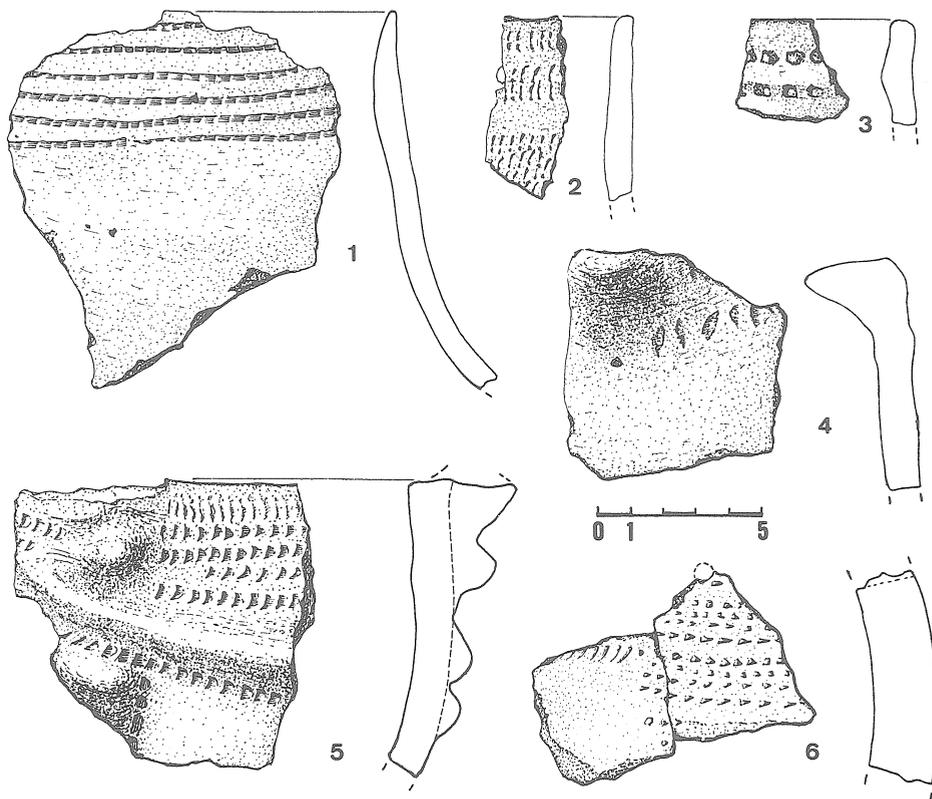


Fig. 1 — Buraca Grande. Recipientes decorados do Neolítico Antigo.